



ESTÉTICA E POLÍTICA EM *DESEQUILIBRISTAS E AS AVENTURAS DE CAVALODADA EM + REALIDADES Q CANAIS DE TV*

AESTHETICS AND POLITICS IN *DESEQUILIBRISTAS AND AS AVENTURAS DE CAVALODADA EM + REALIDADES Q CANAIS DE TV*

Antonio Eduardo Soares Laranjeira¹

Resumo: Este trabalho tem como objeto de estudo os livros de poesia contemporânea *Desequilibristas*, de Manu Maltez e *As aventuras de Cavalodada em + realidades q canais de TV*, de Reuben da Cunha Rocha. Configurados através de processos de intermedialidade, os textos se inscrevem na concepção de discurso literário pop e demandam uma abordagem transdisciplinar dos estudos literários. Pretende-se refletir acerca do modo como se estabelecem os elos entre estético e político, para além de uma oposição. Os elementos formais dos poemas e a representação do *skatista* na grande cidade sinalizam para uma interpretação crítica a respeito da relação entre o indivíduo e o espaço urbano no contexto do capitalismo globalizado.

Palavras-chave: Poesia contemporânea, Discurso literário pop, Estética e política, Intermedialidade, Espaço urbano

Abstract: This paper is a study about contemporary poetry books *Desequilibristas*, by Manu Maltez e Reuben da Cunha Rocha's *As aventuras de Cavalodada em + realidades q canais de TV*. Constructed through processes of intermediality, these texts can be considered part of pop literary discourse, demanding a transdisciplinary approach in the area of literary studies. We intend to discuss how aesthetics and politics are related, beyond an oppositive perspective. The formal aspects of the poems and the skater representations in the big city along them make possible a critical interpretation about the relationship between subject and urban space in global capitalism context.

Keywords: Contemporary poetry, Pop literary discourse, Aesthetics and politics, Intermediality, Urban space

¹ Professor Adjunto III do Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras, Setor de Teoria da Literatura. Doutor em Teoria Literária, desenvolve pesquisa sobre as relações entre literatura e cultura pop na contemporaneidade. E-mail: alaranjeira@ufba.br

Introdução

O que há em comum entre Reuben da Cunha Rocha(ou Cavalodada) e Manu Maltez, além da sua contemporaneidade? Por meio de uma leitura comparativa, é possível verificar pontos de tangência entre os artistas, tanto no que se refere aos procedimentos de criação, quanto às questões políticas sobre as quais suas produções permitem refletir. Neste estudo, pretende-se refletir acerca dos modos pelos quais são representadas as relações entre o homem e a cidade, nos livros *As aventuras de Cavalodada em + realidades do que canais de TV* e *Desequilibristas*. Publicados na segunda década do século XXI, respectivamente em 2013 e 2014, os dois textos permitem flagrar a figura do skatista apresentada simultaneamente como um sujeito à margem do tecido urbano e dotado de uma potência subversiva capaz de provocar ruídos frente a um *modus vivendi* hegemônico.

O skatista é apresentado no começo dos dois livros de poesia como aquele que provoca tensão no espaço urbano e que sugere uma outra forma de vivenciar e olhar a cidade. Afirma Manu Maltez na introdução a *Desequilibristas*:

Skatistas não são esportistas. Nem poetas. Muito menos guerrilheiros, saltimbancos, estilistas, delinquentes, dançarinos, suicidas, equilibristas, desequilibrados. Mas um pouco disso eles tem sido ao longo desses 50 anos. [...] No eterno embate. Do Homem com a Cidade. [...] O carrinho é seu terceiro olho. [...] Ele é aquele susto. Transeunte em surto. Por um instante vacilante. Por um segundo de anarquia. Por nada demais. Só um záz-trás. De liberdade. (MALTEZ, 2014, [sem paginação])

Ainda que começando pela negação, Maltez confere ao sujeito esses atributos na relação entre homem e cidade: o skatista é um susto, um instante de anarquia e liberdade. Semelhante perspectiva assume Reuben da Cunha Rocha, quando no segundo poema do *As aventuras de Cavalodada em + realidades q canais de TV* afirma que os skatistas “SÃO PENSADORES DO ESPAÇO URBANO/ raciocinam o espaço ocupado: ão o espaço maquete” (ROCHA, 2013, p.8).

Os trechos destacados permitem constatar que o contexto de enunciação dos dois poetas é o da cidade capitalista globalizada, com suas tensões e ambiguidades. Levando-se em conta que, segundo

Andreas Huyssen, o contexto global fornece o horizonte para a atividade do comparatista, é necessário assumir uma perspectiva transdisciplinar dos estudos literários para compreender como se configuram as relações entre estética e política nas produções de Maltez e Rocha.

Para Huyssen (2002), em “Literatura e cultura no contexto global”, a globalização provoca transformações no campo dos estudos literários e culturais. Sem se limitar a uma abordagem que considere somente as relações entre cultura global, mercado e mídia, o teórico sugere que o global seja compreendido a partir de sua relação com os imaginários locais. Entretanto, Huyssen assinala que tal perspectiva deve estar pautada pelo estabelecimento de um diálogo horizontal entre o global e o local, que favoreça a discussão do próprio conceito de globalização. Tal é a perspectiva assumida por Arjun Appadurai (1996), em *Modernity at large*, quando afirma que sua percepção é a de que o processo de globalização não pode ser compreendido de maneira simplista como uma história cultural de homogeneização. De acordo com o antropólogo, os processos culturais no âmbito global se dão em um sistema que emerge “with ironies and resistances”² (APPADURAI, 1996, p.29). Desse modo, sem negar o impacto da lógica capitalista sobre os fluxos culturais globais, Appadurai rejeita, entretanto, a redutora associação entre globalização e americanização, visto que “[...] the United States is no longer the puppeteer of a world system of images but is only one node of a complex transnational construction of imaginary landscapes”³ (APPADURAI, 1996, p.31). Nesse sentido, as perspectivas dos teóricos convergem, pois não se trata de perceber as porosidades entre as fronteiras como um fenômeno de ruptura, mas de levar em consideração que o texto literário produzido no contexto global se inscreve em uma “zona de trocas e pilhagens, de viagens transnacionais de idas e vindas e todos os tipos de intervenções híbridas” (HUYSSSEN, 2002, p.29).

Os textos de Maltez e Rocha, que, como outras produções inscritas no contexto global, são concebidas a partir do entrecruzamento de gêneros e mídias que desestabilizam a própria concepção de texto literário, provocam a necessidade do debate sobre alguns tópicos, de acordo com o que propõe Huyssen. Um deles concerne ao que também

² “com ironias e resistências” (tradução nossa)

³ “[...] os Estados Unidos não são mais o manipulador de marionetes de um sistema mundial de imagens, mas apenas um nó de uma complexa construção transnacional de paisagens imaginárias” (tradução nossa)

Arjun Appadurai destaca como um fator que contribui expressivamente para as transformações do mundo no contexto globalizado: os meios de comunicação eletrônicos, que, segundo o antropólogo, proporcionam novas possibilidades para a construção de subjetividades e de mundos imaginados, fornecendo recursos para os mais variados modos de constituição de si em uma dimensão global. Por conta das diversas formas que assume e da velocidade que proporcionam à difusão de informações e imagens, a mídia eletrônica é considerada pelo teórico como “[...] resources for self-imagining as an everyday social project”⁴ (APPADURAI, 1996, p.4). O papel atribuído por Appadurai à mídia eletrônica expõe, então, seu caráter complexo, marcado pela multiplicidade de interconexões que oferecem os repertórios imagéticos que engendram, em um movimento incessante de territorialização e desterritorialização, as vidas imaginadas no presente.

Segundo Huyssen, para o estudo da literatura no contexto de globalização é necessário lançar um olhar sobre as relações entre o ético, o estético e o político, sem estabelecer uma dicotomia entre o erudito literário e a chamada cultura da mídia. Para o teórico, o recurso, no processo interpretativo, a critérios como a intertextualidade, a imitação criativa, ou “o poder de questionar hábitos enraizados por meio de estratégias visuais ou narrativas, a habilidade de transformar o uso da mídia etc.” (HUYSSSEN, 2002, p.30), pode ser eficaz para a leitura de textos como os de Maltez e Reuben.

Nesse sentido, *Desequilibristas* e *As aventuras de CavaloDada em + realidades q canais de TV* são textos que demandam alguns deslocamentos epistemológicos no campo dos estudos literários, tendo em vista que se constituem em uma zona intersticial em que diferentes gêneros e linguagens se encontram em fricção. Dessa maneira, tanto a poesia de Manu Maltez, quanto a de Reuben Rocha, podem ser lidas com base no que se entende por discurso literário pop.

Como propõem Evelina Hoisel e Décio Cruz, o discurso literário pop se desenvolve em uma sociedade capitalista globalizada, em que os meios de reprodutibilidade técnica e a mobilização de um repertório de imagens populares resultam na dessacralização da obra de arte, pela dissolução de sua aura. A princípio definido com base na convergência entre a literatura e outras artes, sobretudo, a *pop art*, pode-

⁴ “[...] um conjunto de recursos para que cada um se constitua como um projeto social cotidiano” (tradução nossa)

se compreender o discurso literário pop como abalo dos alicerces de uma cultura reconhecida como elitista. Desse modo, embora inscrito no âmbito da sociedade de consumidores, o discurso literário pop assume também um caráter irônico que também lhe confere, contraditoriamente, um significado transgressor, no sentido que atribui Linda Hutcheon ao termo, quando reflete sobre o pós-moderno⁵.

Concebidos, dessa forma, como produtos híbridos, é possível afirmar que os dois trabalhos estão situados num entrelugar, em que gêneros textuais, as hierarquizações de valor entre as linguagens postas em contato e o *status* da autoria são colocados em xeque. Sendo assim, a própria noção de arte é problematizada tanto pelo processo criativo dos poetas, quanto pelas subjetividades representadas nos versos e imagens.

O trabalho com a linguagem: estética e política

Embora sejam categorizados como livros de poesia, remetendo-se, assim, às expectativas em torno do gênero lírico, um dos primeiros aspectos que provocam a necessidade de uma reacomodação do leitor é o fato de que os dois trabalhos possuem traços narrativos bastante explícitos. Nos versos de Maltez e Rocha, a noção de sujeito lírico que se consolida nos estudos literários, sistematizada em textos basilares no campo da Teoria da Literatura, como *Conceitos fundamentais da poética*, de Emil Staiger, é confrontada, quando a voz central que se enuncia nos textos se aproxima daquela de um narrador, que observa o outro e capta pelo olhar os fragmentos que dão corpo ao texto.

Se o questionamento da noção de gênero literário é perceptível desde o princípio e em toda a dimensão dos textos, o hibridismo da composição por meio de recursos intermediáticos potencializa essa diluição de fronteiras. As produções de Manu Maltez e Reuben Rocha se configuram intermediaticamente, combinando o texto lírico com recortes de publicidade, traços de grafitos e desenhos (como é possível observar nas figuras 1 e 2), resultando em uma linguagem poética que requer

⁵ Para Hutcheon, o pós-moderno “é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia” (HUTCHEON, 1991, p. 19). Sendo assim, o prefixo “pós” não implica necessariamente um sentido de ruptura, mas de simultânea incorporação e ressignificação, como sucede às várias produções da *pop art* e, por conseguinte, do discurso literário pop.

modos de abordagem distanciados das teorias convencionais sobre a lírica.



Figura 1: Primeira página de *As aventuras de Cavalodada...* (ROCHA, 2013, p.1)

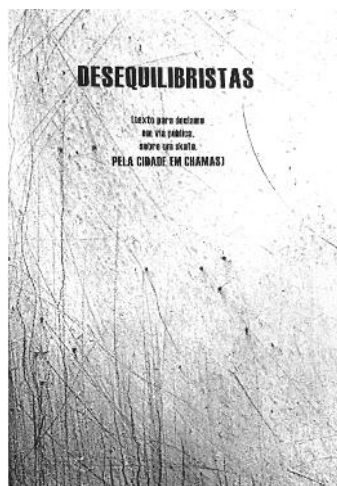


Figura 2: *Desequilibristas* (MALTEZ, 2014,[sem paginação])

Ao passo que Maltez reivindica para seu poema a oralidade, ao advertir, na página em destaque na Figura 2, que *Desequilibristas* é um “texto para declame / em via pública, / sobre um skate / PELA CIDADE EM CHAMAS”, Reuben Rocha recorre aos recortes de revistas populares como *Cinelândia* e *O cruzeiro*, para mobilizar o imaginário popular no espaço do poema.

Desde o começo, portanto, os artistas sugerem ao leitor a necessidade de reflexão em torno de noções centrais à produção literária: autoria, gênero literário, linguagem literária e valor, por exemplo, são termos cujas definições se descentralizam, a partir da leitura dos poemas. A configuração intermidiática, que assoma à primeira vista, é um dos aspectos que provocam o estremecimento das expectativas desse leitor, no que se refere ao processo criativo do poeta. A intermedialidade é definida por Claus Clüver (2011) e Irina Rajewski (2013), em um sentido mais amplo, como todos os fenômenos que transcorrem entre mídias. Todavia, a proposta de Rajewski é a de assumir um recorte, dentre os vários possíveis no contexto dos estudos intermídia. Sua concepção literária de intermedialidade é desenvolvida, assim, de modo a permitir a compreensão de como algumas qualidades intermidiáticas específicas se materializam nos objetos de estudo. Para tanto, são apresentadas subcategorias de intermedialidade – *transposição de mídias, combinação de mídias e referências intermidiáticas* –, que possibilitam o entendimento a respeito de como o recurso a esses procedimentos interfere na produção de sentidos, a partir da leitura dos textos. No caso particular dos trabalhos de Maltez e Rocha, o recurso à combinação de mídias e às referências a outras mídias pode ser interpretado como modos de transgredir modelos institucionalizados do fazer poético, mas também como pontos de partida para uma reflexão desconstrutora sobre o próprio contexto em que são enunciados os discursos.

Diante do exposto, as propostas desconstrutoras de Maltez e Rocha, baseadas numa constituição intermidiática de seus textos, podem ser percebidas como tentativas de favorecer ou, ao menos, pôr em pauta, por um lado, a democratização da cultura e da arte e, por outro, a democratização do acesso ao espaço urbano. No entanto, é válido destacar que essa apropriação da dicção e do imaginário populares, além dos fragmentos oriundos de outras mídias, não se dá de maneira inerte: o procedimento estético abarca motivações e sentidos políticos. Um primeiro conjunto de argumentos em torno dessa questão pode ser fornecido pelas reflexões apresentadas no livro de ensaios *A política das formas poéticas*, organizado por Charles Bernstein, poeta e coeditor da revista *L=A=N=G=U=A=G=E*. Bernstein, no prefácio à edição, afirma que “radically innovative poetic styles can have political meanings”⁶ (BERNSTEIN, 2013, Edição Kindle), a despeito dos

⁶ “estilos poéticos radicalmente inovadores podem ter sentidos políticos” (tradução nossa)

problemas que envolvem o termo “inovação”, sobretudo, considerando-se os textos de Maltez e Rocha. Entretanto, ainda que as diferentes reflexões dos poetas-ensaístas direcionem o foco da leitura e da escrita de poesia para a materialidade da linguagem, não se trata de uma pressuposição de autonomia dessa linguagem poética, mas de assumir, como pressupõe Jerome Rothenberg (2013, Edição Kindle), “A sense of the political dimension of poetic acts”⁷. Essa dimensão política, que não se refere a uma escrita poética *sobre* política, mas uma escrita *como* política, “It is a response, a production that takes place within a larger context of reproduction”⁸, como afirma Bruce Andrews (2013, Edição Kindle). Concentrar os olhares sobre a linguagem envolve a percepção de que os modos como o sentido é produzido e regulado correspondem às formas como o corpo social se escreve. A linguagem é, assim, simultaneamente considerada tanto um sistema de possibilidades especiais como também de armadilhas. Para os ensaístas e também poetas, publicados por Bernstein, através do trabalho com a linguagem, efetiva-se um gesto disruptivo capaz de lhe conferir uma contundência que expõe as diferenças e tensões, e fragiliza os discursos hegemônicos, sem que isso implique necessariamente uma autonomia da poesia. O jogo com a linguagem, por essa perspectiva, possibilita a integração entre arte e vida social, ao instigar a participação do leitor na “[...] *rereading* the reading that a social status quo puts us through”⁹ (ANDREWS, 2013, Edição Kindle). Como é possível observar no trecho seguinte, de Reuben Rocha:

ELES SÃO (E ELAS) ESCULTURAS MÓVEIS
NO
Espaço onde (passam) dão 1tempo dançam. Tudo
consiste
Em se refazer continuamente no ar (ROCHA,
2013, p.9)

Tais reflexões conduzem a um segundo conjunto de argumentos, que envolve a concepção de uma *escrita sampler*, como denomina Mauro Gaspar Filho (2008), ou um *gênio não original*, como postula Marjorie Perloff (2013). Em ambos os casos, trata-se de

⁷ “um sentido da dimensão política dos atos poéticos” (tradução nossa)

⁸ “é uma resposta, uma produção que vem à tona em um contexto de reprodução” (tradução nossa)

⁹ “[...] *releitura* das leituras que um *status quo* estabelece para os sujeitos” (tradução nossa)

considerar o processo criativo como resultante não de um processo de inovação, mas de sucessivas reescritas.

Por um lado, a ideia de uma escrita sampler prevê não somente o cruzamento de textos, mas a interpenetração de linguagens (sobretudo a musical, mobilizada por Manu Maltez a partir das aproximações com o *rap*). Como pontua Gaspar Filho (2008, p. 155), o surgimento do “Manifesto Sampler” se deu “com o desenvolvimento da ideia de convergir procedimentos musicais contemporâneos e as leituras que partem de Piglia e se distribuem por um campo de interesses que se desdobra em progressão geométrica”. Isso se relaciona com o processo criativo de Maltez e Rocha, tendo em vista que, para ambos, o ponto de partida se identifica com a noção de escrita sampler, teorizada por Gaspar: “A escrita sampler é uma escritura-leitura. Todo escritor é leitor. O ato da escrita não se descola do ato de ler, nunca.” (GASPAR FILHO, 2008, p. 169). Samplear é “Estar em trânsito e ser uma instância de trânsito. Trans significa atravessar e ser atravessado [...]” (GASPAR FILHO, 2008, p. 169, grifos do autor).

A concepção apresentada por Perloff, por sua vez, potencializa esse debate, visto que se trata de um termo que ressignifica a própria noção de gênio, ao sugerir que a arte contemporânea tem “o seu próprio momento e *inventio* particulares” (PERLOFF, 2013, p.54). Ao questionar o que denomina ideologia da criação, Perloff volta sua crítica para a ideia de gênio enquanto uma invenção moderna, que envolve a originalidade e a autenticidade como valores sagrados da obra de arte. Para a teórica, o intenso recurso da poesia contemporânea à apropriação, à citação e à reprodução, demonstra que a abordagem de teorias tradicionais da lírica, que ainda se amparam na ideia de uma “expressão original” do poeta, não são suficientes para o estudo dessa “poesia por outros meios” (PERLOFF, 2013, p.41). Em outros termos, trata-se de investigar a imitação criativa e o questionamento de hábitos enraizados através de jogos com as linguagens, mencionados por Huysen, ou uma leitura radical incorporada na escrita, segundo Bruce Andrews.

O que esses argumentos, brevemente expostos, parecem ter em comum é o fato de dimensionarem uma estética que, dado seu caráter dinâmico, sugere uma infinidade e uma abertura, que são representadas pelo skatista, sempre em movimento: como afirma Reuben Rocha, os skatistas “SABEM TUDO DE SUPERFÍCIES E / VELOCIDADES” (ROCHA, 2013, p.13). Sem origem e sem um fim, seus movimentos

remetem ao rizoma e as superfícies que percorrem, aos platôs deleuzianos¹⁰:

Ñ SE SABE DIZER DONDE VÊM
OS SKATISTAS [...]
É DESSE MODO QUE O ESPAÇO URBANO
LHES PERTENCE
EM TODA PARTE EM TODAS AS
DIREÇÕES
(ROCHA, 2013, p.15)

Os desequilibristas e o espaço urbano

Se o estético é político, a escolha do skatista para protagonizar os livros não é inócua ou gratuita. Ao representar o deslocamento com relação a um poder gregário, o skatista pode ser lido nos textos de Maltez e Rocha como símbolo de resistência ao capitalismo global.

A onipresença do urbano nas duas produções inscreve os sujeitos dos poemas no contexto que Marc Augé, em *Por uma antropologia da mobilidade*, denomina de global. Augé, embora reconheça que as fronteiras (termo usado em vários sentidos) tenham se enfraquecido pela globalização, afirma que isso não atesta sua inexistência. Para o teórico, a urbanização do mundo (o “mundo-cidade”) e a grande extensão das megalópoles (as “cidades-mundo”) são fenômenos que estão na conta de um dos paradoxos que caracterizam o mundo contemporâneo.

Afirma Augé que “podemos observar a circulação ininterrupta de homens, dos bens e das mensagens, na escala do ‘mundo cidade’. Mas na escala da ‘cidade-mundo’ [...] encontramos, ao mesmo tempo, toda diversidade e todas as desigualdades [...]” (AUGÉ, 2010, p.9). De acordo com essa perspectiva, as fronteiras permanecem, elas apenas se redesenham constantemente.

Sendo assim, a urbanização do mundo não está desvinculada da realidade das relações de força que se apresentam na sociedade. Apesar de se sustentar em um modelo de ampla circulação e conectividade, de sugerir uma homogeneização ou uma eliminação dos limites, a

¹⁰ De acordo com Deleuze e Guattari, “Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. [...]: uma região de intensidades vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior. [...] Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.33)

globalização tem como consequências a multiplicação das desigualdades, o estabelecimento de outros limites ou o deslocamento dos mesmos. Segundo Augé, “O mundo cidade representa o ideal e a ideologia da globalização, enquanto nas cidades mundo, expressam-se as contradições ou as tensões históricas engendradas por esse sistema.” (AUGÉ, 2010, p.41). Na articulação entre esses dois mundos, encontram-se zonas vazias ou pontos cegos de que trata o antropólogo, e que são os redutos dos excluídos da urbanização.

Em um dos conjuntos de versos de Manu Maltez, seguido pela imagem do skatista em uma manobra na cidade, lê-se:

UM DESEQUILIBRISTA
QUANDO RASPA OS CONTORNOS DA
CIDADE
VAI CRIANDO CERTA TENSÃO
GERA UMA TERCEIRA VIA:

SE POR UM LADO ELE DESBASTA
POR OUTRO ELE AFIA.
(MALTEZ, 2014, [sem paginação])

Os trabalhos de Maltez e Rocha convergem no que se refere à manifestação do caráter criativo do skatista, que desbasta e afia, que pensa o espaço urbano da experiência e não a maquete. A tensão criada na cidade pelos desequilibristas resulta da reivindicação do que David Harvey, em *Cidades rebeldes*, menciona como *direito à cidade*, ao contrapor do desejo dos sujeitos ao que é posto pelo desenvolvimento urbano sob as forças do capitalismo. Como afirma Maltez, “EIS QUE A MEGALÓPOLE É UMA ORQUESTRA/ DE TÍMPANOS ESTOURADOS/ SEGUINDO EM FRENTE COM SUA POLIFONIA MERCENÁRIA / A SINFONIA DO DINHEIRO” (MALTEZ, 2014, [sem paginação]). Os versos citados fazem parte de um conjunto de estrofes que é seguido por uma gravura em que pessoas empurram carrinhos de supermercado, em círculo, sugerindo um movimento repetitivo e orquestrado, como se esses corpos já vivessem como autômatos (Figura 3):

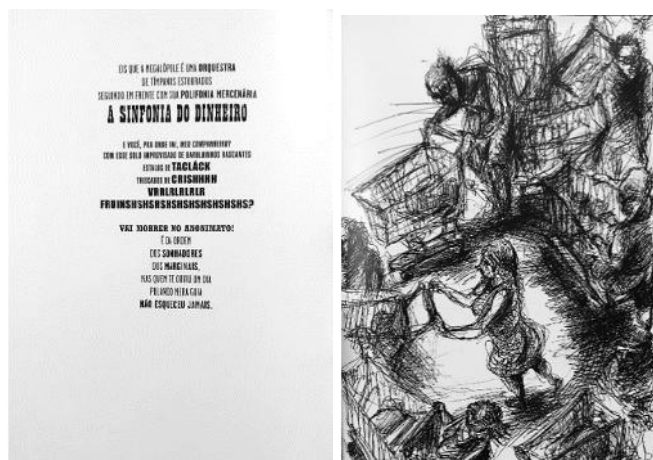


Figura 3: Estrofes e gravura em duas páginas de *Desequilibristas* (MALTEZ, 2014, [sem paginação])

A combinação do texto lírico com a gravura, bem como a ausência de numeração das páginas reforçam a relação entre a noção deleuziana de platô e o processo criativo dos artistas. No caso de *Desequilibristas*, a possibilidade de leitura descentrada, não-linear, se interpretada como representação de modos alternativos de vivenciar a experiência urbana, permite aproximar o discurso literário e as reflexões sobre a vida urbana na sociedade capitalista globalizada. As críticas perpetradas por Maltez e Rocha podem ser atreladas à noção de direito à cidade elaborada por Henri Lefebvre e retomada por David Harvey, tendo em vista que o estranhamento a que o leitor é levado a experimentar promove a necessidade de repensar sua própria condição enquanto sujeito urbano. Trata-se de compreender que o tipo de cidade que se deseja não está desvinculado da problemática em torno da constituição das subjetividades. Afirma Harvey que “O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos” (HARVEY, 2014, p.28). Reivindicar o direito à cidade é, assim, reivindicar também algum poder sobre os processos de urbanização. A perspectiva do skatista representa esses outros desejos que parecem não caber na agenda política do capitalismo global. Portanto, desautomatizar os olhares, a audição e os desejos parece fazer parte do horizonte dos

sujeitos dos poemas, com vistas a propor caminhos possíveis frente ao processo infinito de acumulação capitalista.

Considerações finais

À guisa de conclusão dessas breves considerações sobre *Desequilibristas* e *As aventuras de CavalôDada em + realidades do que canais de TV*, é importante reiterar que: i) na poética dos dois artistas, estética e política (como forma e conteúdo), não se dissociam; ii) com base no pensamento de Huyssen, pode-se afirmar que o processo criativo de *As aventuras de CavalôDada em + realidades do que canais de TV* e *Desequilibristas* requer a compreensão da articulação entre a chamada arte erudita e a cultura popular, do caráter intertextual e intermediático das produções, e das relações entre estética e política; iii) as noções de discurso literário pop, escrita sampler e gênio não-original podem ser produtivas na interpretação dos dois trabalhos e sinalizar para um possível conjunto de parâmetros para a leitura da poesia contemporânea e iv) o hibridismo das formas pode ser compreendido atrelado à problemática urbana, levada a cabo por Marc Augé e David Harvey, sobretudo no que se refere à ideia do direito à cidade como o direito de mudar e reinventar a cidade, como o fazem os desequilibristas, nos textos dos dois artistas.

Referências

ANDREWS, Bruce. Poetry as explanation, poetry as praxis. In BERNSTEIN, Charles (Org.). **The politics of poetic form**. New York:Segue Foundation, 2013. (Edição Kindle).

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: cultural dimensions of globalization**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1996.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros. Maceió: EDUFAL, 2010.

BERNSTEIN, Charles (Org.). **The politics of poetic form**. New York:Segue Foundation, 2013. (Edição Kindle).

CRUZ, Décio Torres. **O pop: literatura, mídia e outras artes**. Salvador: Quarteto, 2003.

CLÜVER, Claus. Intermidialidade. **Pós:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, v.1, n.2, 2011, p.8-23.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 1

GASPAR FILHO, Mauro. **Invasores de corpos:** atravessando o laboratório de Ricardo Piglia. 2008 . Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. Tradução de Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HOISEL, Evelina. **Supercaos:** estilhaços da cultura em PanAmérica e Nações Unidas. Belo Horizonte: UFMG, 2014

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo:** história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MALTEZ, Manu. **Desequilibristas.** São Paulo: Peirópolis, 2014.

PERLOFF, Marjorie. **O gênio não original:** poesia por outros meios no novo século. Tradução de Adriano Scandola. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

RAJEWSKI, Irina. Intermidialidade, intertextualidade e ‘remediação’: uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. Tradução de Thais Flores Nogueira Diniz. In DINIZ, Thais Flores Nogueira. **Intermidialidade e estudos interartes:** desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p.15-45.

ROCHA, Reuben da Cunha. **As aventuras de Cavalodada em + realidades q canais de TV.** São Luís: Pitomba, 2013.

ROTHENBERG, Jerome. Ethnopoetics & politics/ The Politics of Ethnopoetics. In BERNSTEIN, Charles (Org.). **The politics of poetic form.** New York: Segue Foundation, 2013. (Edição Kindle).

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética.** Tradução de Celeste Aída Galeão. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1997.

Recebido: 28/06/2017

Aprovado: 30/07/2017